
CARTA URGENTE DE MANCHESTER

JOAQUIM MOREIRA

Há cerca de três anos que vivo em Manchester. Não posso dizer que seja uma situação particularmente deleitante, embora as excelentes condições de trabalho e possibilidades de desenvolvimento académico minimizem os aspectos desagradáveis desta cidade e desta cultura.

Decidi escrever este pequeno artigo, porém, com a intenção sincera de partilhar com os leitores desta revista uma realidade que a minha sensibilidade de português permite ainda apreciar no meio da inacreditável demência social em que esta sociedade descambou através de um qualquer processo cultural que não pretendo aqui analisar. Assim sendo, quero apenas descrever (humildemente e sem bazófias pseudo-intelectuais) alguns aspectos menos divulgados da cultura inglesa contemporânea.

Já não se trata da desmistificação do conceito do *'gentleman'* inglês que já não existe (se é que alguma vez existiu), ou da ideia do *'chá das cinco'* que ninguém toma, ou da *'pontualidade inglesa'* que também não existe. Dos comboios aos autocarros, passando pelo início de aulas nas universidades ou mesmo espectáculos públicos, tudo anda atrasado seja pelas bombas do IRA e dos árabes, seja pela desorganização das empresas em dificuldades económicas e sem funcionários suficientes para a quantidade de trabalho que lhes é exigido. Os *hooligans* são ingleses e não têm nada de *'gentleman'* e o chá que se bebe por aqui é muito mal saboroso e processado artificialmente com ninguém sabe bem o quê.

Por outro lado, também já não se trata de desmistificar a cultura afável, cordial e humanizada, representada no mundo do Sherlock Holmes ou do 007. Estes são dois personagens fictícios que nunca existiram, provavelmente como tudo o que pensamos desta cultura.

Estas ideias românticas de uma Inglaterra que nunca vi, e de que, segundo me apercebo, apenas ingleses muito velhinhos admitem lembrar-se, foram obviamente disseminadas ao longo

CARTA URGENTE DE MANCHESTER

de alguns anos através de mais ou menos sofisticadas formas de propaganda moderna. São naturalmente ideias bonitas que muito gostávamos de ver na realidade. A acção heróica, o comportamento cortês, o auxílio desinteressado aos mais fracos e o auto-sacrifício em prol da liberdade e condição humana de outros povos, foram durante muitos anos propagados como as características fundamentais da cultura inglesa.

198

Os aspectos históricos menos merecedores de elogios, como as piratarias, o genocídio dos Zulus, os massacres na Índia ou o 'ultimatum' aos portugueses, foram, suponho que naturalmente, esquecidos em favor das causas nobres como a guerra com Hitler em que os ingleses tiveram um papel inegavelmente importante, embora seja evidente que, se não fosse o sacrifício e o empenho conjunto de outros povos como o francês ou o russo (este último com mais de vinte milhões de mortos entre 1941 e 1945), a opressão nazi teria provavelmente sobrevivido por mais uns anos.

Cinquenta anos volvidos, tudo é claramente diferente. Não é que a Inglaterra já se tenha tornado no inimigo da Europa. Mas é muito claro que algo extremamente doentio domina a visão do mundo e o comportamento dos ingleses contemporâneos, especialmente das gerações mais novas.

Os factos sociais corroboram, infelizmente, esta impressão geral. A Inglaterra lidera, ou disputa a liderança, em tabelas europeias tão amargurantes e funestas como a taxa de divórcios, assaltos a casas, crimes homicidas e massacres macabros, doenças provocadas por poluição ambiental, suicídios de jovens, consumo de drogas em menores de doze anos, para além de uma das mais baixas taxas de casamento no Mundo.

Mas o mais chocante não são estes factos estatísticos. Os números, ao contrário do que somos levados a crer, não fornecem informação objectiva quando analisamos a natureza humana ou queremos entender as medidas de felicidade (ou bem-estar) de uma população. Se indivíduos com intenções desonestas quiserem provar que a vida em Inglaterra, de facto, até é maravilhosa, basta fornecerem-nos os coeficientes de automóveis e vídeos vendidos, visitas ao cinema e à discoteca por semana, ou ordenado médio dos profissionais liberais para provar que os 'níveis de vida' em Inglaterra são na realidade dos mais elevados da Europa em medidas de consumo. Enfim, um exemplo da falibilidade e potencial de manipulação dos

números. Potencial este que, se estivesse a escrever um texto filosófico, levar-me-ia necessariamente a debater as questões sobre 'Verdade' conforme Wittgenstein, Tarski, Ramsey ou Popper.

Mas o meu propósito é mais simples. Pretendo apenas descrever-lhes a parte visível das ruas, das casas, das palavras e das faces dos ingleses que vivem aqui comigo em Manchester.

O primeiro choque que sofri neste processo de descobrir a demência da cultura inglesa contemporânea foi há já alguns anos quando, por acaso, ao ver um debate na BBC2, ouvi um director de uma empresa de produção de armamento (que produz tudo desde mísseis a jactos e bombardeiros passando por revólveres e granadas de mão) a queixar-se que o fim da 'Guerra Fria' e a solução de vários conflitos de longa duração em diferentes regiões do mundo representou um sério problema e que a economia inglesa (um dos maiores exportadores de armamento do mundo) iria sofrer grandemente. No dia seguinte, ao contrário do que eu esperaria como português, não houve rigorosamente nenhum escândalo. Ninguém comentou. E ninguém pareceu ter ficado chocado. A vida seguia como se nada tivesse acontecido. Ou seja, o facto de alguém ter dito na televisão nacional que a paz no mundo era um problema para a economia inglesa não chocou rigorosamente ninguém. Mas este estava para ser apenas o primeiro choque.

Aos poucos fui também sendo iluminado para a percepção de que as as gerações mais novas (refiro-me aos indivíduos com menos de 35 anos) são assustadoramente consumistas e supérfluas. Certamente que os defensores das ideias de mercado liberalizado e desintervenção do estado argumentariam de imediato: *'mas não há nada de errado com isso'*; acrescentando ainda que *'a liberdade de escolha e a dinâmica do consumo salutar são direitos fundamentais das sociedades modernas'*.

Sim, sim, claro. Conheço todos esses argumentos muito bem. Sou graduado em Marketing, e tenho até um título pós-graduado na mesma área. Porém, talvez precisamente por isso, reconheço quiçá mais profundamente os riscos sociais do materialismo dos ingleses (especialmente das novas gerações), e desta atitude de viver a vida sofregamente dominados que estão pela ideia de que *'a vida é curta: é preciso aproveitar enquanto dura'*.

Neste contexto, tudo é pensado no sentido do prazer imediato. Este prazer imediato, porém, é bem diferente do dos portugueses de mostrar aos 'vizinhos' os objectos mais recentes ou 'In' de sucesso material. Não. Essa atitude faz parte da pré-história do consumismo onde naturalmente os portugueses ainda se encontram.

200

Num mercado maduro como a Inglaterra ou os EUA, o princípio do prazer imediato é mais profundo e quiçá mais grave: trata-se da precocidade de viver a vida. Ou seja, a precocidade de consumir coisas. Coisas estas que são percebidas como as 'coisas que têm que ser consumidas para sermos felizes'. Estas coisas não são apenas produtos ou serviços. São também ideias. É esta precocidade de consumo generalizada que fornece, por exemplo, os casos dos indivíduos de 19 anos que já são 'alegremente' divorciados, dos indivíduos que aos 17 anos sentem que já experimentaram tudo e não sabem o que fazer mais para se divertirem, as raparigas que aos 15 anos fazem o seu primeiro aborto, ou as meninas que aos 14 anos já têm vergonha de ainda serem virgens.

No meio das actividades cada vez mais subtis de Marketing e comunicação comercial em Inglaterra, esta realidade é como que o Tabu de que não se pode falar. É inerentemente proibido falar da realidade que existe para além das análises comerciais e economicistas dos mercados. Desta forma, os gestores de todas as empresas são 'desalumiados' do facto de que para além das estatísticas da inflação, taxas de juro, balança de pagamentos, desemprego, dívida pública, quotas de mercado, rácios, etc., também há pessoas.

Ou por outra, pelo menos até bem recentemente podíamos dizer que havia pessoas. Agora, especialmente no contexto da Inglaterra contemporânea, tal é discutível e há até razão para perguntarmos como os nossos irmãos brasileiros acabados de chegar aqui: 'ué! mas cadê as pessoas?'...

Uma possível resposta cínica a esta pergunta inquietante seria qualquer coisa como:

-'Pessoas, que pessoas? Agora já não há pessoas. Numa sociedade moderna as pessoas vêm a ser recursos humanos. Ou seja, são recursos das empresas e do país, como o capital da empresa, os computadores, as frotas de distribuição, ou os recursos hidroeléctricos do território. A única diferença é que são humanos. Ou seja, são uma maçada porque estão muitas vezes doentes, as mulheres engravidam e querem ficar meses em casa, constantemente fingem que trabalham, e estão sempre à espera de aumentos de salários. Na verdade, se os pudéssemos substituir por algo mais fiável, a economia do país sairia grandemente favorecida.'

Pois, estimados leitores, em Inglaterra a substituição já ocorreu. Ao longo da implementação do seu 'Admirável Mundo Novo' (AMN para quem gosta de siglas), os ingleses, uma vez mais, anteciparam-se aos restantes Europeus na resolução de tão profundo dilema económico. Aqui já não há pessoas a aborrecer a estabilidade económica do reino com greves, reivindicações, períodos de gravidez, baixas do médico, ou preguiçites agudas. De maneira nenhuma. Os postos de trabalho são agora ocupados por uns *organismos* individuais dotados com diversas capacidades técnicas. Estas capacidades são potencialmente rentáveis, dependendo apenas da definição de políticas de educação e formação profissional coerentes e com objectivos específicos de melhorar a competitividade das empresas.

Estes *organismos* trabalham em média mais cinco horas semanais que os indivíduos dos estados europeus que assinaram o 'Capítulo Social' do tratado de Maastricht. O horário de trabalho vai normalmente das nove às cinco, com um intervalo de trinta minutos por volta da uma hora para engolir uma imitação altamente credível de pão com umas espécies de legumes ou queijos no meio. Em ocupações mais bem pagas (cerca de cinquenta a cem contos mais por mês) os *organismos* são requisitados a trabalhar muitas vezes até às onze da noite. Incluem-se neste último grupo todo o tipo de técnicos especialistas, desde os dos computadores aos economistas, contabilistas, engenheiros técnicos, técnicos de marketing ou relações públicas.

Há um ou dois intervalos de dez ou quinze minutos durante a manhã e tarde, mas só porque investigadores de três ou quatro das mais de noventa universidades inglesas demonstraram, 'cientificamente', que estas pequenas pausas para 'espairecer' aumentam a produtividade dos *organismos* em cerca de 20%. Abençoados sejam os académicos que tanto contribuem para o bem-estar dos *organismos*.

Na maioria das ocupações *oferecidas* pelas empresas, trabalha-se de segunda a sexta. E assinalo a palavra 'oferecidas', para os alertar para a 'Grande Verdade' de que ninguém pergunta aos organismos o que é que estes querem fazer. Se algum organismo não gostar de nenhuma das ocupações que a comunidade empresarial lhes oferece, está mediante um gravíssimo problema de incompatibilidade. Nestes casos (cada vez mais vulgares), uma das saídas profissionais mais atractivas poderá ser tornar-se um marginal.

Mas esta não é uma opção fácil. Sobretudo porque infelizmente nos nossos dias, a coroa Britânica já não apoia as piratarias no mar. E inclusive os ingleses, que num passado não muito distante protagonizaram as maiores piratarias que o mundo já conheceu, são hoje dos mais moralistas na recriminação das piratices, sobretudo nas que dizem respeito aos programas de computadores. Enfim, incoerências que a História descobre.

202

Em algumas das ocupações socialmente ratificadas e legalmente oferecidas, como por exemplo nos negócios de comércio a retalho, trabalha-se aos sábados e domingos, havendo um ou dois dias livres durante a semana. Neste aspecto, a Inglaterra é igualmente notável na forma como se livrou das inconveniências do descanso ao sábado dos hebreus, ou do domingo santo dos católicos. Nada disso. Esta é uma sociedade livre de todo o tipo de preconceitos antiquados. E os *organismos* tiram muito proveito disso, como vamos ver adiante.

Uma das características de uma sociedade sem preconceitos antiquados é que há liberdade. Liberdade de fazer o que bem lhes apetece, mesmo que fazendo-o sozinho. Liberdade também para chegar a casa às cinco e meia da tarde de sexta-feira, tomar um duche, comer uma mistela de imitações de comida autêntica com sabores artificialmente aperfeiçoados acompanhadas por uma lata de Pepsi-cola ou uma garrafa de plástico de Coca-cola, vestir uma roupa lavada e sair.

A saída é habitualmente ao Pub. Um Pub é um armazém transformado em 'local bonito'. Às sextas e sábados estes 'locais bonitos' estão apinhados de *organismos* que se mostram uns aos outros. E aqui quero dizer literalmente mostram, uma vez que as Narcisas, independentemente da temperatura lá fora, vêm sempre de mini-saia (por razões óbvias) e os Narcisos de T-shirt e Blazer por forma a, se necessário, mostrar os músculos trabalhados nos ginásios, nas maquinas de musculação lá em casa ou, em casos mais graves, graças à ingestão de anfetaminas. Como nota adicional, também constatamos que uma grande parte deles é dependente de Prozac ou então outros anti-depressivos ilegalizados, enquanto uma grande parte delas sofre de Anorexia Nervosa.

Se alguma vez os encontrarem por aí, ou se vierem aqui, nunca tentem falar com eles sobre coisas sérias. É uma grave ofensa. Os Ingleses são orgulhosamente ignorantes e acham

repudiante a ideia de discutir coisas como o significado do trabalho ou da amizade, do amor à família, liberdade, democracia ou políticas e geografia internacionais. Para eles e elas isso já está tudo definido e a vida é curta para se perder tempo com coisas dessas.

Na verdade, através de um qualquer processo misterioso de condicionamento, estes *organismos* têm aversão a qualquer tipo de conversação mais séria. Na sua concepção, todas as conversas sérias acabam na conclusão de que a *sua vida é horrível e que não há nada a fazer*. Por isso, não se fala mais nisso.

Os Ingleses não gostam de futebol. Os poucos que gostam normalmente preferem ver os brasileiros ou italianos na televisão sempre que possível. Mas uma parte razoável da população vai todos os fins-de-semana aos estádios. Porém não necessariamente para ver o jogo (normalmente de muito baixa qualidade, embora com golos bonitos).

Quiçá para aproveitar a '*vida curta*' e a liberdade oferecida pela 'Nação que colonizou o Mundo' (como eles gostam de se auto-intitular), os ingleses vão aos estádios de futebol, após se embebedarem, para cantar em comunhão com os outros espectadores. É, de facto, uma das poucas ocasiões que estes têm de se comportarem conforme a sua visão do que é ser humano: cantar, beber cerveja e vinho, sentir tristeza, alegria, partir vidros e andar 'á porrada'. E tudo isto em grupo, sem se sentirem recursos humanos com a obrigação de serem produtivos. Logo, é caso para admitir que o *hooliganismo* inglês não é mais que uma profunda demonstração de revolta, se bem que necessariamente muito pouco intelectualizada. Vá lá alguém tentar dizer-lhes que Baudrillard ou Habermas até são capazes de terem oferecido sugestões válidas para resolver o seu problema (ainda que diametralmente opostas)...

Ainda no respeito à liberdade e abolição de preconceitos antiquados, na Inglaterra promove-se fortemente a ideia de que 'copular com diferentes *organismos* por mês, por semana ou até no mesmo dia (sejam os parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto), é representativo de uma sociedade exemplarmente progressiva e liberal'. Daqui resulta um comportamento de infidelidade generalizada e uma cultura de relações humanas tristes, supérfluas e de curto-prazo. O resultado, claro, é uma profunda e generalizada frustração e desejo de alienação.

Para complementar, a homossexualidade e o 'solteirismo' tornaram-se comportamentos habituais e representados até como a opção em voga entre as elites e intelectuais. Há também os que casam muitas vezes (habitualmente homens) e que nos falam com orgulho da sua quarta esposa aos quarenta e cinco anos de idade. Estes são, por certo, comportamentos que, paralelamente ao *hooliganismo*, também indicam uma profunda insurreição social contra as instituições estabelecidas.

204

Manchester em particular, e segundo o seu presidente da câmara, ambiciona ser a 'European Gay Capital', ou seja a capital europeia dos homossexuais onde, entre outros atractivos, se organiza um desfile anual. Em 1996, por exemplo, contou com a presença de mais de 80 mil destes *organismos* desfilando pelas ruas: uns bêbedos, uns vestidos de mulher, outras vestidas de homem e outros vestidos também de homem mas com maneirismos de mulher. Para apoiar a ascendência social desta comunidade dita desfavorecida, estabeleceu-se também, há cerca de cinco anos a 'Aldeia do homossexualismo e lesbianismo' (ou simplesmente 'gay village'). Ou seja, institui-se que na freguesia central da cidade todos os pubs, cafés, discotecas e hotéis seriam dedicados ao acolhimento quase exclusivo deste tipo de *organismos* que clamam ter atingido um estado intelectual superior porque livre de todos os preconceitos das massas trabalhadoras...

Como consequência desta ascensão social, um homem como eu, cheio de preconceitos das massas trabalhadoras, sente-se extremamente embaraçado quando se vê envolvido em situações (inimagináveis para um português) de assédio sexual por parte de outros homens. Estas situações assemelham-se por vezes àquelas situações em Portugal em que uma mulher jovem passa numa rua estreita cheia de serventes da construção civil e tem que apressar o passo e fazer 'ouvidos de mouca às bocas dos homens'. Curiosamente, em Setembro/96, um escândalo no jornal 'Guardian' falava-nos de um caso em que dois homossexuais pagaram a uma mulher nos EUA para esta lhes conceber um bebé. Aliás um negócio que nos dois lados do Atlântico começa a ser vulgar, não só por aumento de procura por parte deste segmento do mercado mas também pelo crescente número de casais heterossexuais inférteis.

Qualquer comentário em desfavor dos homossexuais é fortemente criticado e contrariado com conjectura justificativa

de que a Inglaterra é a defensora exemplar e por excelência da liberdade das minorias no Mundo. Surpreendentemente, o facto incoerente de que há câmaras de vídeo instaladas em todos os centros das cidades e freguesias mais abastadas, não se lhes apresenta como um profundo desrespeito para com a liberdade individual e só choca quem é latino. É que os ingleses foram levados a pensar que as previsões e receios de George Orwell e Aldous Huxley não se referiam ao seu país...

Um outro fenómeno extremamente elucidativo da decadência da condição humana nesta ilha é um recente estudo que denunciou o consumo de drogas ilegais entre crianças de sete (repito, sete) anos de idade! Claro que, se os leitores tiveram oportunidade de ver o filme 'Kids', entendem melhor que um tão chocante fenómeno não é tão impossível quanto isso nos países de expressão inglesa...

Por outro lado, esta sociedade é uma daquelas que também não se preocupa em garantir opções de vida a todos os seus cidadãos. Simplesmente porque 'isso seria contra as leis de mercado e livre concorrência como, aliás, a experiência russa nos mostrou'. Pois sim, os russos estavam errados. Mas então o que é que os ingleses fazem com os 'excedentários' da população?

Claro que o termo 'excedentários' é chocante e desrespeitoso, mas que outro nome podemos atribuir aos indivíduos que vão necessariamente viver em desemprego de longa duração num sistema que, indesmentivelmente, não pode (ou não quer) garantir emprego a todos os cidadãos? Enfim, é certo que podia aqui adoptar outras denominações como os 'pesos-mortos da economia' ou os 'derrotados do capitalismo' como é comum nos livros de economia. Mas a primeira expressão está mais de acordo com a concepção dos princípios envolvidos nas presentes discussões de reforma da segurança social. Os 'excedentários' são os indivíduos que, num futuro próximo, poderão ser excluídos dos termos de elegibilidade para apoios sociais.

De qualquer forma, e chamando-lhes o que quer que seja, a verdade é que a maioria destes indivíduos têm direito somente a vegetar durante o dia em casas sociais onde até um macaco recusaria viver alegremente e, normalmente, ocupam-se da seguinte forma: uns '*na viola*'; outros e outras a trabalhar na versão inglesa da '*rua de Santos Pousada*', e outros ainda a

'adquirir' e vender produtos em '*segunda mão*', para usar algumas expressões populares portuenses.

Estas actividades diárias de economia paralela normalmente são estimuladas pelos cada vez mais '*ratados*' subsídios de desemprego (ou de sobrevivência). Alguns observadores cínicos chamar-lhes-iam mais precisamente 'subsídios de vegetação'. Curiosamente, há ingleses a viver destes subsídios há mais de dez anos, pois nunca conseguiram arranjar um daqueles empregos que 'permite' pagar o IRS.

206 Claro que alguns espíritos portugueses mais críticos pensarão: 'dez anos no subsídio de desemprego? Que grandes mangueias. O que eles não querem é trabalhar'. Talvez. Mas porque não dar-lhes o benefício da dúvida e admitir que talvez nunca lhes tenha sido dada a oportunidade de *escolher* uma ocupação onde não se sentissem como simples *organismos* com a função de rentabilizar a economia da 'Empresa'... No fim de contas estes indivíduos percebem que entre viver uma vida de 'escravidão assalariada' numa ocupação horrível e pressionado para manter as aparências e pagar as contas todas, ou viver sem aparências mas com tempo para aprender os nomes das flores nos jardins, beber cerveja, dormir até ao meio-dia e ver televisão toda a tarde, a segunda 'opção de vida' até é capaz de custar menos a passar...

Mas atrozias palavras estas que não nos permitem omitir que há também os que se decidem por uma terceira opção, que não de vida...

Entretanto os economistas vão continuando a afirmar que o mercado tem que ser desregulado e que a 'flexibilidade da mão-de-obra' é uma das vantagens mais importantes de qualquer economia que quer ser competitiva. O que eles na verdade querem com isto justificar é a profunda desregulamentação social no que diz respeito às oportunidades de zelar pelos interesses individuais dos *organismos*. Em consequência desta desregulamentação social (os analistas mais cínicos chamar-lhe-iam 'americanização') os organismos perderam todos os direitos, inclusive o de ficar doente.

Esta realidade esconde-se por detrás das agências de empregos que usam *organismos* desesperados e dispostos a aceitarem quaisquer tipo de trabalho (em regime de *part-time* ou temporário) e sem quaisquer benefícios sociais. Para estes organismos não há férias, apoio na doença ou gravidez. Mas há quase sempre emprego porque, naturalmente, os

empresários livres de qualquer compromisso ético preferem agora subcontratar estas agências, em vez de contratar os *organismos* directamente. Neste contexto, e após se ter instaurado a crença de que 'há uma crise económica que só poderá ser solucionada através da desregulamentação do mercado', há já algum tempo que há *organismos* (desde técnicos qualificados a professores universitários) a serem despedidos hoje e a serem readmitidos no dia seguinte mas a ganharem metade do que ganhavam antes de ontem...

Aos *organismos* que se sentirem ofendidos com esta falta de respeito, e uma vez que estamos num estado democrático, é-lhes dada a opção de se juntarem a um dos inúmeros 'clubes de desempregados de longa duração'.

Em contraste com tudo isto, há também a '*shiny happy people laughing*', como a canção dos REM denuncia. Estes são jovens, ou indivíduos de meia idade fingindo ser '*jovens de espírito*', que sorriem constantemente e que, quando estão em grupo, riem por tudo e por nada. Habitualmente por nada.

Sorrir e rir são comportamentos compulsivos dentro destes grupos. O indivíduo que não cumpra esta imposição comportamental é 'etiquetado' como '*boring*' e expulso do grupo. Ou seja, não é mais convidado para ir ao pub nem às 'festas selvagens' em casa do brincalhão, desatinado, aloucado, extravagante, galhofeiro, travesso e estroina Kevin, que é o herói das meninas e, em segredo, também dos meninos. Resta acrescentar que, por hábito, os Kevins tomam uns comprimidos amarelos antes de encontrar os amigos e claro, como todos os 'curtidos', fumam cigarros feitos à mão. Nunca ninguém viu um Kevin triste...

Uma última faceta que faço questão de transmitir é o profundo embaraço provocado por três recentes escândalos sociais que nitidamente põem em causa o valor da vida humana nesta sociedade. O primeiro foi a destruição de quinhentos êmbrios humanos que tiveram que ser destruídos porque não foram vendidos a tempo e ultrapassaram o 'prazo ideal de consumo'. O segundo foi a proposta de aborto de '*apenas um*' de dois gémeos por uma mãe aparentemente em dificuldades financeiras. Se notarmos que os indivíduos ingleses em dificuldades financeiras vivem como a classe média portuguesa, é caso para interpretar estes eventos como exemplos extremos de Puro Egoísmo.

Um terceiro evento chocante foi a história de uma jovem estéril que, após ter recorrido ao processo de inseminação artificial, ficou grávida de oito gémeos. No meio deste último escândalo, uma enfermeira farta da falsidade decidiu telefonar para um programa de rádio e denunciar que já viu casos de inseminação artificial em que uma mulher ficou grávida de *vinte e três...*

208

Os biólogos e médicos recusam aprofundar o debate deontológico à volta destes escândalos. O clérigo inglês, que recentemente introduziu o conceito de 'sacerdote em *part-time*' e tem feito reivindicações para aumento de salário, não se pronuncia, temendo ofender a toda poderosa 'Ciência'. Às mulheres que querem ser mães vêm-lhes as lágrimas aos olhos. Os homens ficam chocados com estas lágrimas. E a onisciente Ciência moderna continua entretida a tratar os Efeitos em vez das Causas...

Entretanto, os anúncios publicitários continuam a representar uma vida bonita e livre de dilemas éticos, *numa sociedade que nitidamente perdeu a capacidade e o direito de representar a vida como ela na realidade é*. Valha-nos Luciano Benetton, que só podia ser latino...

Fins abruptos?...